

Erótica
Alberto Morán

Érotica

Alberte Momán

<http://moman.wordpress.com>

Primeira Edição ano 2005

www.arcosonline.com

Segunda Edição ano 2008

www.lulu.com

ISBN: 978-1-4092-1644-5

Revisão ortográfica

Isaac Alonso Estraviz

Victor Domingos



Saying again
If you do not teach me I shall not learn

Samuel Beckett

do sangue nas mãos

levo-te dentro
porque também eu sou ferida

abraça-me
 como o úbere do mundo
e verás deslizar do caucho
o látex da vida
a goma elástica
 sobre o rosto
asfixiado

traça
concretamente
no compor um corpo longe de um mesmo
ali onde outrora nada existira
aguardando um retorno que o salve

sinceramente

conseguir na distância apalpar o teu aroma de orgasmo
na distância

sofrer os temores teus

na distância

tão meus

como este ácido ventre em que destilo
o amor ódio das tuas carnes

sofrendo o prazer
dos silêncios

perdendo a elegância
no esforço

sente-te longe
o meu suor escorrega
nos sulcos da tua diversão
 inocente

longe
onde não te emprenhe o meu orgasmo
 de tédio

é formosa e inacessível
como todas as formosas e inacessíveis
que cravaram os olhos
longe do meu desejo

é formosa e inacessível

aprendi a amar a distância
entre ambos

perfila-se o contacto
as mãos sobre o tecido da tua pele porosa
mimando umas curvas que me falam do prazer
uma gota de suor

 escorregadiça
no mole morno do contacto
nutrindo-se de ambos

as horas
vibra platónica na distância
desejo
na distância despe-se o tempo
paixão
esse corpo que mistura energia e doçura
silvestre
dono da hora primitiva
tântrica

correndo em direção ao tempo

cumpre-se

desfeito retiro-me

livre do poder de namorar

condensado todo ele na tua vulva

o tempo passa

 cumprido

onomatopéia labiodental

atração o porquê

 perguntas

houve um momento em que volveria

 se mo pedisses

mas prefiro aguardar a que te vás

devagar

oculto o rancor
atrás de um orgasmo
para converter-me ao nada

não me ofereço
sem o poder de amar

guardo o fumo nos lábios
da tua última guimba*
buscando as palavras exactas
após o aprendido
para imbricar-me entre as pernas
o tempo
que faz que não falamos
com a quentura das coxas
no meu ventre
 húmido

perdi a memória
no fundo do teu umbigo
do tempo só guardo a tua presença
e a minha mão percorrendo
 a modo*
os teus ombros
para descer pela coluna
 bem abaixo
onde o amor se perde
desejo

sou também o imisericordioso
o eu que conheceste
quando ainda desejavas conhecer
porque levo da estirpe
 um membro esculpido
 no passado

aprendi a falar
nas horas de silêncio
com o teu pescoço arqueado
e os teus braços firmes
cravados no leito

ofereço a minha erótica
ao teu subconsciente

domina-me com essa curva de mulher
íntima
e um sorriso de *bom dia*

vejo um nome
o teu
em cada forma
insinuante

das palavras pronunciadas
tiro o teu cabelo
húmido
com o meu
na almofada
quando me faltas

no ego que exclamo
em cada sacudida
guardo
e gravo o teu perdão na pele
com o sangue da estirpe
que te precedeu

comprometo
 com família
o meu erro
consagrando um instante efêmero
que te lembrarão quando não estejas

esse projecto
procurando nas entranhas da terra
um coito
acarinhando as margens de umas cadeiras
num afundar impossível
nas chagas de um passado tão presente
e real
como a ausência mesma
do amor nas tuas carnes

convida-me a passar
também eu levo nos pés
a terra
que sulca as tuas rugas

de morrer sentiras-te longe
e a um passo
infranqueável

recreio no meu instinto o recordo
de um beijo escorregado pelas costas
a língua sulcando todas as funduras
penetrando até à génese mesma do sentimento
lá
numa explosão
e tu
hirta
fundindo-te em todas as superfícies
que figuram
num instante
o prazer

logo
brevemente
recomeçando o infinito
entre cócegas de suor

ergo-me
a friagem da parede do quarto
é o meu único descanso

com os teus pezinhos
entre as minhas pernas
jogando com um joelho
antes
e depois daquele beijo ascendente
detido em toda adversidade
 para reflexionar
por isso que não podia ser eterno
tirou-nos méritos frente à desídia
e ganhou
marchando com um sombreiro de palha
sobre um cajado de tojo
assobiando os nossos amores
vitorioso depois de uma forte aposta

chega a tempo
resvalando inocente
pelas coxas tuas
que mamaram o salgado agridoce
da estirpe

a tradução do verbo
amparado pela paixão
com os olhos fechados
num aperto de pele com pele
transpirando as sensações compartilhadas
que amam apertar-nos e respirar
o lume dos nossos sentimentos

complicar a metamorfose
no corpo de ambos
suspirando

entrega-me
leva-me nesse último alento
 contigo
perverte-me de sonho
 entre os teus e os meus
 cabelos
firmando na esperança
 um último suspiro

recôndito parece-me o lugar
onde vi por primeira vez
as gotas de oceano
agarrando-se ao velocino
dourado da tua pele

aquele perseguir a beijos
a sua trajetória
sorvendo a essência
dos mil mares
perseguidos
para dormir abalado
pela força do teu alento
até a noite
conquistando as funduras
indómitas
do teu semblante aprazível
mas na distância
destilo os aromas do recordeo
para perder a consciência pela embriaguez
estreitando o cerco da saudade

falemos de tudo quanto é
denudável
de quanto repousa além
dos sensabores
abraça-me
apertando-me com os peitos
fortemente
como se fosse fácil romper com o alento
do coração

levas-me dentro
molhado na tua vulva
trémulo
com a excitação própria do proibido

*la prefiero compartida
a vaciar mi vida*

Silvio Rodríguez

docemente
intuindo um corpo
nu
dentro do meu próprio

falange após falange
tecendo um mancomunado
fértil
de luz

busca-me ao fim
tenho um espaço nas ladeiras
das minhas superfícies
para ti
e os que te amem
se te amam

fui quem de queimar a pele
 com alouminhos*
proscrito
num corpo que sonhou
 com o roçar da minha pele
nos meus sonhos
quem de enumerar com mágoa
 os amores
para roçar com a minha língua
 outras peles
acovilhando-me nas minhas fronteiras
ausência no conflito
 brisa correndo entre poro e carne

na minha mão
 prisioneira
de uma forma entrelaçada com o teu corpo
dominada por um sono intenso
e uma mão intuindo umas curvas
que se deixam deduzir de entre as sombras
e mais além
 um sorriso
acarinhando o poder
 de saber-se forte frente a tudo
livre de dominar
e deixar-se sumir no mais absoluto prazer
docemente
sem compromisso

lamber o domínio
da tua carne estremecida
consagrando um vínculo com os lenços
de um leito vacilante
através da passagem do tempo
para confirmar um passado unidireccional
afincado no nosso desejo

aguardando

cravavas as unhas no ar
mantendo a respiração
para conter o mundo no peito
e soltá-lo de golpe
num verso

cuore
tempo fa

aria
fuoco di sabbia
dove?
dove sei?

lume de areia
tão perdido e áspero
que dana os interiores
 incultos
da tua virgindade

podes colher de mim
tudo quanto precisares
alimento-me só de saudade
um corpo que deixou de tremer por mim
suar por mim
em todas as superfícies

a dor que causa é só comparável
ao prazer que foi quem de gerar

Aclarações

*Guimba: ponta de cigarro, beata.

*A modo: com vagar, sem presa.

*Alouminho: carícia, carinho.



Erótica

de Alberte Momán

ganhadora do certame de Poesía Francisco Añón
que convoca o Concello de Outes na edición do 2004